

JORNAL: Pesista da Semana LOCAL: Quomabara

DATA: 10/09/1955 AUTOR: José Roberto.

TÍTULO: IV Salão de Arte Moderna

ASSUNTO: Citação das "collage" de Ivan.

464 OBRAS DE CENTENA E MEIA DE ARTISTAS



MUSICOS (Alexandre Rapoport)

# IV SALÃO DE ARTE MODERNA

**FIGURATIVOS E ABSTRATOS NOVAMENTE EM DISPUTA ★ PRIMITIVOS, IMPRESSIONISTAS, REALISTAS, EXPRESSIONISTAS, ATÉ ACADÊMICOS, JUNTAMENTE COM ABSTRACIONISTAS E CONCRETISTAS, DISPUTANDO OS PRÊMIOS POPULDOS DO SALÃO MODERNO ★ DOIS INCIDENTES PARA VARIAR ★ A OPINIÃO DOS ARTISTAS**

Reportagem de JOSÉ ROBERTO

Fotos de ALBERTO FERREIRA

**Q**UATROCENTAS e sessenta e quatro obras (um projeto arquitetônico, vinte e seis esculturas, duzentas e cinquenta pinturas, cento e quarenta e seis desenhos e gravuras e quarenta e uma peças de arte decorativa), pertencentes a quase centena e meia de artistas (figurativos e abstratos) constituíram o IV Salão Nacional de Arte Moderna, realizado no primeiro andar, especialmente remodelado para a ocasião, do Ministério da Educação e Cultura. Dois Prêmios de Viagem ao Estrangeiro (um para Pintura, outro para Escultura, Desenho ou Gravura), prêmios de viagem ao país, aquisições e certificados de isenção foram conferidos pelo Júri, composto do crítico Antônio Bento, do pintor Firmino Saldanha e do escultor Honório Peçanha.

● O QUE É O SALÃO — O Salão Nacional de Arte Moderna é recente: até poucos anos atrás, os modernos não constituíam senão uma Divisão no recinto do Salão Nacional de Belas Ar-

tes, de permeio com os acadêmicos. Os inconvenientes de tal sistema podem facilmente ser avaliados, mormente no que se refere à premiação. Em 1952, a Divisão Moderna separou-se do Salão Acadêmico, passando a constituir o Salão Nacional de Arte Moderna, que desde então vem sendo, após a Bienal Paulista, o maior acontecimento das Artes no Brasil.

Se o primeiro e o segundo traíram ainda a inexperiência e o improviso; se o terceiro não passou de um protesto veemente e ineficaz contra a indiferença do Governo pelos problemas artísticos, o atual Salão pode bem ser considerado o melhor e o mais bem organizado de todos.

● A ESCULTURA — Apenas vinte e seis obras foram apresentadas. Dessas, ao que nos foi dado constatar, «Girafa» e «Mulher e Pássaro», de Sônia Ebling, «Maldição», de Renato Miguez, «Crepúsculo», de Honório Peçanha, e «O Vento», de Sérgio Camargo, mais atenção desper-

taram de parte dos visitantes. Se porém observarmos que na Segunda Bienal o italiano Marini compareceu com um trabalho bastante semelhante à «Girafa»; se notarmos a semelhança do «Crepúsculo» com a figura pintada pelo Douanier Rousseau em uma de suas obras mais conhecidas — a «Encantadora de Serpentes» — e se afinal repararmos no tema evidentemente cansado de que se valeu Renato Miguez, veremos que o «Vento», de Sérgio Camargo, e «Mulher e Pássaro», de Sônia Ebling — às quais acrescentaríamos a bela «Cabeça de Animal» de Zimmermann — são as peças que, a nosso ver, dominam esse capítulo do Salão.

● A PINTURA — De bem maior complexidade é o terreno da Pintura, em que nada menos de duzentos e cinquenta trabalhos (de primitivos, realistas, impressionistas, até acadêmicos, abstratos e concretistas) foram selecionados.

Djanira, por exemplo, apresenta três trabalhos a nosso entender fracos, que em nada po-

JORNAL: Revista da Semana LOCAL: Quomabara  
DATA: 10/09/1955 AUTOR: José Roberto  
TÍTULO: IV Salão de Arte Moderna  
ASSUNTO: Citação das "colloge" de Ivom.

## CHAMPANHOTA

PETER

### VÁRIOS AMERICANOS NO RIO DE JANEIRO — O MÊS DE SETEMBRO PROMETE SER MUITO MOVIMENTADO

● Estiveram no Rio, inaugurando uma nova linha que ligará Nova York ao Rio de Janeiro, um grupo de destacados jornalistas norte-americanos, acompanhando outros tantos artistas de Hollywood. Até aí, nada de novo.

Sendo os profissionais de imprensa autores das colunas mais lidas dos Estados Unidos, era natural que todos estivessem curiosos em saber o que eles haviam escrito. Desta forma, escrevemos a um amigo nosso, residente naquele país, que nos fez a gentileza de remeter a tradução de um trecho da coluna de Cholly Knickerbocker que é o maior colunista do gênero «mexerico» e que passamos a transcrever: — «No Rio, as coisas são melhores. Os dois mais elegantes clubes noturnos são «Sacha's» e «Vogue» e nenhum deles é maior que um cantinho do El Maroco ou Stork Club, mas, assim mesmo, eles têm cada noite mais brasileiros do que poderíamos imaginar que coubessem. O «Café Society» no Rio é rico e alegre e nós chegamos à conclusão que se eles fizessem um torneio com o de Nova York, Londres ou Paris, para ver qual agüentaria ficar até mais alta madrugada, no menor espaço e com gente empacotada como sardinhas, dançando a noite toda e recomençar tudo na seguinte, o Rio iria ganhar.

O advento do «café society» que hoje em dia é um conjunto tão grande, tão poderoso como a «velha guarda» da sociedade, chamados gráficos na linguagem local, deu causa às colunas da sociedade no Rio. Todos os jornais hoje

em dia têm a sua coluna social que são lidas, não somente pela sociedade, como pelo povo.

Elas somente refletem o lado bonito da cidade e, lendo-se, a gente tem a impressão de que é só uma cidade, onde a pequena porém poderosa e extremamente rica sociedade, livre de impostos, diverte-se em grande estilo. Como nós, já escrevemos antes, vimos algumas maravilhosas casas e mulheres que nos impressionaram não só pela beleza como pela elegância refinada. No baile do «Jockey Club» que foi no Copacabana Palace Hotel, tinha mais de duas mil pessoas, mais do que uma dessas grandes festas de caridade, no «Waldorf Astoria» de Nova York. Bem, se nós tivéssemos que fazer uma comparação entre o pessoal presente, levada em conta a proporção, teríamos de dizer que havia mais mulheres mais bem vestidas no Copacabana, que no «Waldorf».

Entre as mais elegantes das mais elegantes nós notamos a sra. Walter Moreira Salles, jovem, morena e bonita esposa de um dos mais proeminentes banqueiros brasileiros e ex-embaixador em Washington e a senhora Jorge Guinle, uma bela norte-americana, muito conhecida em Nova York e que já figurou na lista das mulheres mais elegantes do mundo.

Se considerarmos que esta coluna é reproduzida em quase cem jornais e lida por milhares de leitores, é fácil ver a grande publicidade que isto representa. Um formidável trabalho esse dos srs. Jorge Guinle, ministro Hugo Gauthier e Berta.

## Notícias diversas

Enquanto escrevo estas notas, todos os acontecimentos são futuros. Quando este número estiver nas suas mãos, muitos serão passados.

No dia 28, o «Country Club» dará mais

um dos seus jantares-dançantes, com a animação da orquestra de Bené Nunes.

No dia 29, o jornalista Carlos Lacerda verá sua peça ser levada à cena, em bene-



Na Tribuna de Honra, assistindo às corridas em homenagem à Prefeitura Municipal, vemos os srs. Alim Pedro, Mário Azevedo Ribeiro, ministro Luís Gallotti e Salomão Filho. À direita: Araruama vestirá casaca.



## FIGURA DA SEMANA



### MARQUÊSA LONGO E VINCHIATURIO

● Há alguns meses atrás, estiveram no Rio, procedentes de Lima, Peru, onde moram atualmente, os Marquês Longo e Vinchiaturio. Um casal simpático. Ficaram hospedados na residência do sr. e sra. Waldemir Salem, irmã daquela que nasceu Negra Bernardes. É dela que pretendemos falar. Trata-se da mãe do diplomata Lauro Muller Neto e do cronista Jacinto de Thormes. Nasceu no Uruguai. Filha do Ministro Manuel Bernardes, servindo no Brasil, criou-se brasileira.

E, por todos os lugares que andou experimentou sempre um formidável sucesso social, resultado de seu espírito alegre e simples e do seu extraordinário «charme». Residiu nos Estados Unidos e, tendo morado na Europa, foi obrigada a voltar ao Brasil, pois ela e seu pai, o Ministro Bernardes, faziam questão que as crianças (Maneco e Lauro) tivessem uma educação brasileira. No Rio, colaborou na revista «Bazar», escrevendo série de crônicas sobre seus filhos. Mais tarde, veio a escrever numa grande revista argentina, que publicava seus trabalhos com destaque, acompanhados de ilustrações.

Mas, muitas das pessoas que foram cumprimentá-la, quando da sua estada aqui, desconhecem que aquele ânimo e aquele encanto que a gente percebe imediatamente existem mesmo debaixo do mais cerrado bombardeio. Foi o que sucedeu na ilha de Rhodes, onde ela fez justiça à «Cruz de Guerra», ganha em campo de batalha na Itália, com citação que honraria «omni e donne». Esta é a «Figura da Semana» que temos o prazer de apresentar.

ficio da Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação.

No dia 30, a Sociedade Hípica Brasileira que tem os jantares mais concorridos das terças-feiras, apresentará a cantora Ester de Abreu.

No dia 31, no cine Metro, em favor da Fundação da Universidade Internacional de Música da Juventude Musical Brasileira, teremos a «avant-première» de gala de «Melodia Interrompida».

Um dos acontecimentos mais importantes da semana foi a sessão de cinema programada pelo sr. Harry Stone e que foi precedida por um jantar, oferecido pelo sr. e sra. Howard White ao sr. e sra. Jorge Guinle que tanto têm feito pelo turismo deste país, promovendo e hospedando grandes personalidades que nos visitam.

Estiveram presentes à apresentação de «Sabrina», entre outros, os casais Barão de Saavedra, Miguel Faria, Adolpho Cláudio Graça Couto, João Henrique Vieira, João Vitor de Alencastro Guimarães, Aloísio Muniz Freire, Bob Winnans, Hélio Cipriano, Eduardo Duvivier, Paulo Sampaio e Alvaro Catão.

JORNAL: Revista da Semana LOCAL: Quomabana

DATA: 10/09/1955 AUTOR: José Roberto

TÍTULO: IV Salão de Arte Moderna

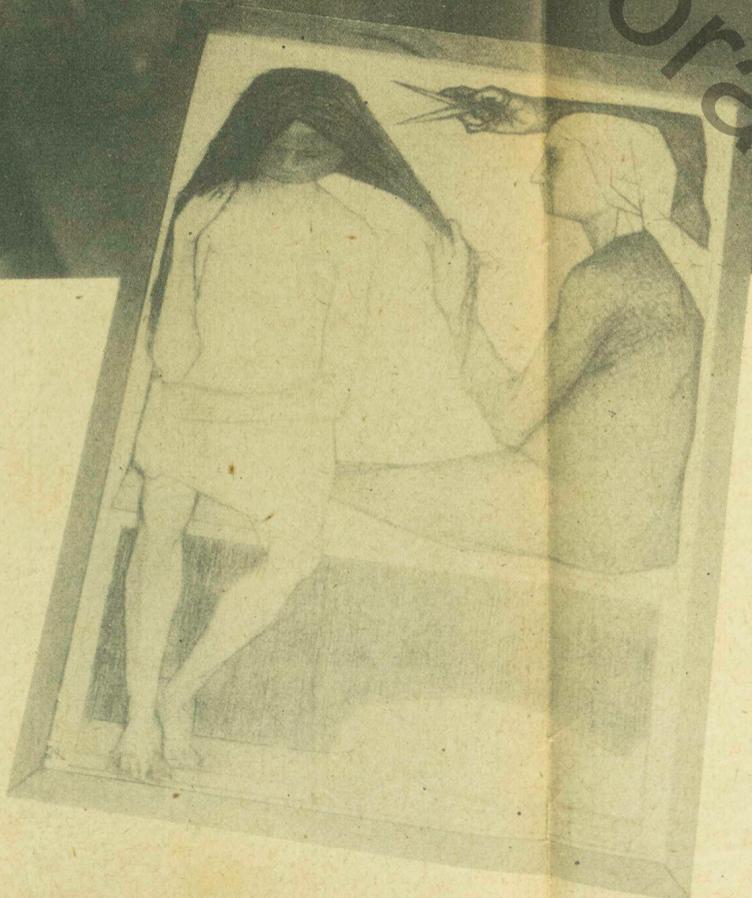
ASSUNTO: Citação das "collage" de Ivam.



dem aumentar sua nomeada. Também Sílvia não nos convence, plásticamente, muito embora não haja como negar o sôpro de ingénua poesia que perpassa constantemente por suas obras.

O que dizer de Glauco Rodrigues? Esse rapaz ainda moço, indubitavelmente talentoso, enviou para o Salão dois trabalhos evidentemente deslocados da atmosfera de atualidade que nêle se respira. Tal procedimento não nos parece correto, de vez que também existe um Salão Acadêmico, onde o citado senhor sentir-se-ia certamente mais à vontade.

Caso interessante é o dos modernos de última hora, de que exemplo frisante é Manuel Santiago. O modernismo do estimado pintor acaba de atingir — suprema audácia — o último decênio do século passado. As côres são frouxas, e como requinte supremo o artista utiliz



MULHER E PÁSSARO (Sônia Ebling)

DESENHO (Anísio Medeiros)

## IV SALÃO DE ARTE MODERNA



NATUREZA MORTA  
(Ramiro Martins)



HOMEM  
(Aldemir Martins)



MESA REDONDA  
(Darel)

freqüentemente um estratagema, que é, a seu ver, o único recurso de que dispõe a Pintura atual: a divisão da tela em quadrados de matizes variados, que lhe emprestam uma engraçada aparência de tabuleiro de xadrez. Aliás, também Bustamente Sá aprecia o expediente.

Malagoli e seu discípulo Romani nada contam de novo. Takaoka está fraquinho. Rapoport continua a acender uma vela a Deus e outra ao diabo, apresentando lado a lado um trabalho abstrato e dois figurativos. Não admitimos essa indecisão, que num artista apenas revela imaturidade. Como Rapoport, existem outros, no Salão, que não desejam tomar um partido por nenhum dos grandes ramos em que hoje se divide a arte — o abstrato, e o figurativo.

Carlos Bastos (um dos vencedores do «Cristo de Côr») tem um trabalho no Salão: «Vasos», motivo praticamente esgotado, com uma composição titubeante e côr inexpressiva. Frank Schaeffer está bem. Mas que diremos de Olga Mary, Hilde Campofiorito e outros evocativos de Paris, Madri e demais capitais européias? Têm os pés no Brasil, mas a cabeça e o coração estão lá longe, além Atlântico. E pintam furiosamente «brasseries» e «coiffeurs», «Gran Vias» e «Places du Thertre». Isso já passou, palavra de honra.

Tomem nota de João Quaglia. Compareceu com dois trabalhos, entre os quais a poderosa cabeça do «Pataqueiro». Que nome terrível! Mas que composição harmoniosa, que fusão sutil das côres com o motivo! Tudo, nessa obra, aponta-a como das mais interessantes do IV Salão. O ponto alto dos figurativos é contudo Ramiro Martins, cujas três «Naturezas Mortas» guardam entre si tal unidade, que nelas já podemos entrever a personalidade real de um artista que a passos largos caminha para a maturidade. Isso

a despeito de lhe notarmos uma certa frieza, que reflete principalmente nas côres.

Entre os abstratos, o melhor é certamente Firmino Saldanha, com suas belíssimas «Composições». Côres e formas são manejadas com indiscutível autoridade e bom gosto. Apreciamos a «Natureza Morta» do japonês Mabe, e a «Composição» do inglês Ibberson. Também Ormezzano não está mal com o seu «Cais do Pôrto», embora o «Ritmo em Azul» não nos tenha agradado. Não participamos dos «Jogos e Enigmas» de Maria Leontina. E os círculos «Estático-Dinâmicos» de Ubi Bava nos deixaram estáticos.

Não finalizaremos a análise das pinturas sem fazer menção à bela «Collage» de Ivan Serpa, e às obras de Judith Lauand. //